

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

### GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

#### A NOÇÃO DE DOCUMENTO DESDE PAUL OTLET E AS PROPOSTAS NEODOCUMENTALISTAS

Cristina Dotta Ortega – (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)

Gustavo Silva Saldanha – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)  
- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

#### *THE NOTION OF DOCUMENT FROM PAUL OTLET'S AND NEODOCUMENTALIST PROPOSALS*

#### **Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral**

**Resumo:** A crescente discussão sobre uma possível neodocumentação e a menor disseminação da abordagem clássica da Documentação torna necessário tratar da relação entre as duas abordagens para uma compreensão da noção de documento em Ciência da Informação. Objetiva-se discutir a literatura francófona sobre 'documento', no sentido de objeto material e simbólico que é produto da prática documentária, e estabelecer relações entre esta conceituação e a da literatura de orientação anglo-americana denominada neodocumentação, visando fomentar o acúmulo de reflexões sobre o tema a partir do reconhecimento e da caracterização destas abordagens. Após a Introdução, na segunda parte, trata-se da noção de documento proposta por Paul Otlet no início do século XX, em seguida desenvolvida por franceses e espanhóis, além das ideias de autores contemporâneos franceses e brasileiros. Na terceira parte, apresentam-se as ideias de autores de produção anglófona denominados neodocumentalistas que, em especial, a partir da década de 1990, tomaram por base ideias de Paul Otlet e Suzanne Briet, e desenvolveram propostas próprias. Em ambas as vertentes, o lugar do documento eletrônico na contemporaneidade é abordado. Na quarta parte, realiza-se uma discussão entre a noção clássica de documento de origem francófona e seus desenvolvimentos atuais, e as propostas contemporâneas produzidas em língua inglesa pela chamada neodocumentação, tratando, entre outros, da pertinência dos termos neodocumentação e neodocumentalista. Nas Considerações Finais, observamos que a construção histórica da noção de documento aponta que ele é produto de ações de mediação, as quais se realizam por atividades como seleção, representação, ordenação, exposições, enquanto, sob outro ponto de vista, a abordagem dos neodocumentalistas privilegia o documento quanto às relações de poder que envolvem enquanto objeto produzido pelo homem, portanto, relações localizadas histórica, social e politicamente. Assim, a necessidade de demarcação de um novo conceito de documento exige recuo histórico crítico e uma interpretação contemporânea abrangente, haja vista que o termo representa um dos mais profícuos e potenciais elementos epistemológicos do campo.

**Palavras-Chave:** Documento; Documentação; Neodocumentação; Neodocumentalistas.

**Abstract:** The growing discussion about a possible neodocumentation and the less dissemination of the classical type of documentation makes it necessary to deal with the relationship between the two approaches to an understanding of the notion of document in Information Science. This paper aims at discussing the French literature on 'document', in the sense of a material and symbolic object that is the product of documentary practice, and to establish relations between this conceptualization and that of Anglo-American literature called neodocumentation, in order to foster the accumulation of reflections on the theme from the recognition and characterization of these approaches. The second part of this paper is about the notion of a document proposed by Paul Otlet in the beginning of the 20th century, then developed by the French and Spanish authors, as well as the ideas of contemporary French and Brazilian authors. In the third part, the ideas of authors of Anglophone production called neodocumentalists are presented, especially since the 1990s, based on ideas of Paul Otlet and Suzanne Briet, and who also developed their own proposals. In both aspects, the place of the electronic document in the contemporaneity is approached. In the fourth part, there is a discussion between the classical notion of document of French origin and its current developments, and the contemporary proposals produced in English by the so-called neodocumentation, dealing with the pertinence of the terms neodocumentation and neodocumentalist among others. In the final considerations, it is observed that the historical construction of the notion of document indicates that it is the product of mediation actions, which are carried out by activities such as selection, representation, ordering, expositions, while, from another point of view, the approach of neodocumentalists privileges the document as to the relations of power that they involve as an object produced by man and consequently, relations located historically, socially and politically. Thus, the need to demarcate a new concept of document requires a critical historical retreat and a comprehensive contemporary interpretation, since the term represents one of the most profitable and potential epistemological elements of the field.

**Keywords:** Document; Documentation; Neodocumentation; Neodocumentalists.

## **1 INTRODUÇÃO**

Considerando a crescente discussão sobre neodocumentação, a qual apresenta enfoques com diferentes níveis de historicização, e a abordagem clássica da Documentação, de menor disseminação e reconhecimento, faz-se necessário tratar da relação entre as duas abordagens para uma compreensão da noção de documento em Ciência da Informação.

Se, em um período de ampla produção e propagação do discurso anglo-americano sobre o conceito de informação, verificou-se uma corrida pela tentativa de definir tal termo (que se desdobrou em mutações não apenas epistemológicas, como também político-institucionais, como a alteração de nomenclaturas de departamentos, escolas, institutos, disciplinas, eventos, grupos de trabalho e de pesquisa), por outro lado, o conceito de documento permaneceu com uma das centralidades da discursividade epistemológica do campo, principalmente no contexto francófono.

As transformações provocadas pela corrida informacional (no plano terminológico) de fundo anglo-americano não apagaram, mesmo nesse cenário linguístico-cultural, vertentes críticas e comparadas. Outras abordagens conceituais se desenvolveram no plano da

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

produção teórica no Reino Unido, nos Estados Unidos e em outras tradições de produção fundamentalmente anglófona.

Enquanto a noção de documento na França ganhava, a partir da geração que sucede o pensamento otlet-brietiano, com Robert Escarpit, Jean Meyriat e Robert Estivals, nos anos 1960, um papel semelhante (ainda que em hipótese alguma idêntico) ao conceito de informação anglo-americano, repercutindo epistemológica e politicamente no âmbito do ensino, da pesquisa e da atuação profissional, a partir dos anos 1990 desenvolve-se, em uma anglofonia informacional, o olhar sobre a corrente francófona clássica (otlet-brietiana). Nesse cenário, o documento passa a compor o vocabulário crítico-teórico (antes do vocabulário aplicado) da produção epistemológica informacional anglófona.

Atores teóricos como o australiano Boyd Rayward, o alemão Bernd Frohmann, o britânico Michael Buckland e o estadunidense Ronald Day, junto do norueguês Niels Lund, são responsáveis por essa guinada crítica, que coloca em suspeição a noção de informação, sua subjetivação excessiva e a ausência de um plano histórico e social em sua condição política. Reconhecida sob a lente da anglofonia como um reencontro com a Documentação clássica (uma possível neodocumentação) e uma espécie (segunda a visão de tais teóricos) de ampliação da noção de documento, o ‘movimento’ provocado por tais abordagens, principalmente em razão da ramificação e da velocidade de propagação do discurso em língua inglesa nas vias de comunicação científica contemporâneas, provocou um interesse ampliado sobre os estudos otletianos e brietianos, sobre os conceitos de documentação e documento, e sobre os potenciais de contribuição crítica da trajetória político-conceitual de tais construtos históricos e suas abordagens tecidos ao longo do século XX.

No encaixo desse cenário em pleno contexto crítico de embates teóricos nas últimas três décadas, fruto de uma reflexão epistemológico-histórica, interessada no processo de construção dos conceitos nucleares dos estudos informacionais nos contextos nacional e internacional, o objetivo deste trabalho é discutir a literatura francófona sobre ‘documento’, no sentido de objeto material e simbólico que é produto da prática documentária, e estabelecer relações entre esta abordagem e a da literatura de orientação anglo-americana denominada neodocumentação, visando fomentar acúmulo sobre o tema a partir do reconhecimento e caracterização de suas trajetórias.

Após a Introdução, na segunda parte, tratamos da noção de documento proposta pelo belga Paul Otlet no início do século XX e desenvolvida pelos seus continuadores franceses

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

diretos e indiretos, e por pesquisadores espanhóis, além de autores contemporâneos franceses e brasileiros. Na terceira parte, apresentamos as ideias de autores de produção anglófona, denominados por muitos como neodocumentalistas que, em especial a partir da década de 1990, tomaram por base ideias de Paul Otlet e Suzanne Briet, e desenvolveram propostas próprias. Em ambas as vertentes, o lugar do documento eletrônico na contemporaneidade é abordado. Na quarta parte, realizamos uma discussão entre a noção clássica de documento de origem francófona e seus desenvolvimentos atuais, e as propostas contemporâneas produzidas em língua inglesa pela chamada neodocumentação, tratando, entre outros, da pertinência dos termos neodocumentação e neodocumentalista.

A discussão toma como referência principal a noção clássica de documento construída por Paul Otlet e consolidada com Jean Meyriat, entre outros franceses e espanhóis que produziram sobre este tema no mesmo período, uma vez nela identificamos um percurso de construção da noção de documento potencialmente capaz de amparar os diversos objetos abordados como documentos (em seus vários suportes materiais), observando aspectos passíveis de convergência a uma especificidade do campo, independentemente de uma ou outra vertente de origem.

O percurso de discussão conceitual apresentado no estudo não tem interesse em defender uma ou outra abordagem, nem se posicionar perante as tradições recentes da anglofonia informacional aqui também explorada. Não é foco do trabalho, do mesmo modo, reconhecer uma possível unidade na abordagem da neodocumentação, nem tratar tal abordagem como fruto de um posicionamento epistemológico claro. Nesse último caso, é fundamental reconhecer que o discurso teórico de autores como Buckland e Frohmann é contraditório em uma defesa do possível ‘movimento’, ou seja, a existência ou não de uma neodocumentação, ou, simplesmente, uma vertente de reconhecimento do papel histórico de Otlet e de Briet.

Retomando, no plano epistemológico-histórico sob o qual se posiciona a presente reflexão, o foco está em compreender o conceito de documento em suas (re)elaborações no cenário francófono e no contexto recente anglo-americano, reconhecendo seu potencial teórico e político para a consolidação do que hoje, em geral, se estabelece no plano mundial como campo, sob as noções em língua inglesa de *Information Science* e-ou *Library and Information Science*.

## 2 O DOCUMENTO SEGUNDO OTLET E OS DESENVOLVIMENTOS POSTERIORES

A noção de documento em Otlet ganha complexidade não apenas pelo fato de alteração do significante, mas por estabelecer relações pontuais ao longo do *Traité de Documentation*, de 1934 (OTLET, 1934), com a noção de livro, cujo estudo permitiria compreender a potencialidade da noção de documento, ou seja, explorar uma interpretação coerente desta noção. O percurso realizado por Otlet no *Traité* nos permite inferir que, para ele, todo e qualquer objeto pode ser abordado como documento. A ideia é revolucionária por ampliar os estudos bibliológicos, a prática bibliográfica e os fazeres e normas praticados em bibliotecas, todos pautados essencialmente no livro e demais escritos.

A atualidade do pensamento de Otlet pode ser atestada na perspectiva científica expressa por ele, no *Traité*, quanto à necessidade de consistência terminológica aos estudos bibliológicos, a partir de um conjunto de termos técnicos que fixe o sentido especializado fornecendo adequação e regularidade ao campo, como trataram Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo (1982, p. 163). Segundo estes autores, Otlet já vinha discorrendo sobre o objeto livro apontando para o conceito de documento em material com fins didáticos produzido em parceria (OTLET; WOUTERS, 1922) – depois impresso várias vezes sob o título *Manuel de Bibliothèque Publique* (OTLET; WOUTERS, 1930) –, mas tratou o tema de modo exposto no *Traité* (OTLET, 1934). Apesar de apoiar-se na Bibliologia, tratada por Gabriel Peignot no início do século XIX, há certa unanimidade quanto ao pioneirismo de Otlet para uma conceituação de documento.

Quanto à Documentação, Otlet apontou a relação entre Informação e Comunicação (OTLET, 1934, p. 217, seção 243, parte c), mas a ideia foi propriamente desenvolvida por seus predecessores franceses quando este campo ganhou agenda própria.

Suzanne Briet, importante intérprete da obra de Otlet e principal teórica de aprofundamento dos conceitos otletianos após a morte do advogado belga, recoloca muitos dos princípios estabelecidos por ele, em especial por meio da obra clássica *Qu'est-ce que la documentation?*, publicada em 1951 (BRIET, 1951). A bibliotecária trouxe maior precisão à ideia de que todo objeto pode ser um documento ao condicionar a este objeto a atribuição de um indício, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual.

Briet exemplificou a ideia com a foto de uma estrela e o antílope em um museu cujas informações constam em verbete de enciclopédia, em oposição à estrela e ao antílope eles

mesmos. Os exemplos apontam, menos para a imagem de um objeto ou as informações escritas a respeito dele, e antes para o lugar simbólico em que o objeto é colocado, seja a estrela ou sua foto, seja o antílope vivo, empalhado ou descrito. Daí resulta, muito provavelmente, a proposta e a disseminação dos termos – tão caros ao campo – ‘documento original’ e ‘documento secundário’, este produzido a partir daquele com fins comunicacionais.

Após uma lacuna correspondente ao período da Segunda Guerra Mundial, abordagem infocomunicacional ganhou adeptos em movimento iniciado nos anos 1960, conhecido ainda hoje como *Sciences de l’Information et de la Communication*, incluindo estudos sobre Documentação, e formado por pesquisadores como Roland Barthes, Robert Escarpit, Jean Meyriat e Robert Estivals, entre outros. Nesse contexto, o artigo escrito por Meyriat em 1981 apresenta mais um passo para a precisão da ideia de que todo objeto pode ser um documento.

Para Meyriat (1981, p. 51-52), a definição de documento opera por meio de duas noções conjuntas e inseparáveis uma da outra: uma de natureza material (o objeto que serve de suporte), e outra conceitual (o conteúdo da comunicação, ou seja, a informação). Por este raciocínio é que o autor discorre sobre duas categorias de documentos, as quais não têm relação com os objetos em si, mas com sua condição informacional, que é sempre situacional, temporal. Ele fala em objetos produzidos com intenção de funcionarem como documentos, reconhecendo o papel privilegiado dos escritos como ‘documentos por intenção’, e objetos que receberam esta atribuição posteriormente, como a bicicleta que funciona como meio de transporte, e as vestimentas dos camponeses do século XVII que tinham a função de roupa para proteção de seus corpos, ambos podendo funcionar como documento a qualquer momento.

Meyriat (1981, p. 54) afirma que o documento é produto de uma vontade – a de informar ou a de se informar –, sendo a segunda sempre necessária. Isto porque, segundo ele, se o desejo de fornecer informações não encontrar uma resposta no receptor, a informação permanece virtual, e o objeto em questão ainda não é um documento. O artigo deixa como marca a afirmação do autor de que o usuário faz o documento.

Anos depois, Meyriat (2006) retoma a noção de documento e esclarece que a prática documentária resulta em documentos (quando há vontade de informar), ou seja, os documentos existem de algum modo antes mesmo que os usuários os tomem como tal (caso da vontade de se informar). Segundo o autor, o documento por intenção é aquele especialmente produzido para veicular a informação, de tal modo que, se o autor produz um

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

livro ou um artigo, o documentalista legitima este livro ou artigo como documento, inserindo-o em processos de circulação, por meio de atividades que se articulam às de outros grupos, como editores e livreiros (2006, p. 12).

Na Espanha, a Documentação repercutiu, inicialmente, a partir de Lasso de la Vega (1947, 1969), ao discorrer sobre os fundamentos e métodos do tratamento da massa documental como necessários para a produção científica. Posteriormente, José López Yepes, com seu livro *Teoría de la Documentación* (LÓPEZ YEPES, 1978), realizou compilação das vertentes ou escolas produzidas ao longo do tempo em vários países, em que a Documentação é colocada em relação crítica com outras abordagens, atestando sua posição emblemática no campo.

Já Desantes Guanter (1978), em prólogo à obra de López Yepes, faz uma associação entre o documento e a informação, afirmando que a documentação e a informação estariam amputadas em boa parte de seu campo de atuação, de estudo e de solução de problemas se fossem mantidas afastadas uma da outra. Para ele, todos os processos a que a documentação se submete se justificam somente se desembocam em um processo informativo, atual ou potencial. No ano anterior, López Yepes (1977, p. 91) se ocupou do tema do documento, afirmando que os estudos dos conceitos de documento e de análise documentária contribuem para a configuração da ciência que nos ocupa, segundo citam outros dois autores espanhóis, Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo (1982, p. 162), citados anteriormente. Para eles, o artigo de López Yepes foi pioneiro e busca fazer um esclarecimento linguístico e antropológico do conceito de documento; afirmam ainda que devem a este autor a preocupação sobre estes temas.

De fato, estes autores (SAGREDO FERNÁNDEZ; IZQUIERDO ARROYO, 1982) discorrem, em extenso artigo, sobre a etimologia da palavra documento e se propõe a desenvolver seu lugar teórico em Documentação. Os mesmos autores, em seguida, produziram obra única sobre a produção otletiana, em termos da elaboração conceitual apresentada, denominada *Concepción lógico-lingüística de la documentación* (SAGREDO FERNÁNDEZ; IZQUIERDO ARROYO, 1983). Segundo eles (1983, p. 265), de modo similar a Meyriat, um documento só existe quando é utilizado como tal, ou seja, é o uso que decide sobre seu caráter documental. Para eles, o documento é em si um objeto manufaturado (quanto ao registro em um suporte) e ‘mentefaturado’ (quanto ao conteúdo significativo gerado pela mente) que pode funcionar como documento propriamente ou como um objeto qualquer.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Caberia registrar também a análise sistemática sobre o *Traité*, realizada por Izquierdo Arroyo (1995) e publicada em dois volumes. Segundo Salvador Bruna (2006), em análise qualitativa da literatura, a introdução e difusão da concepção otletiana forneceu a base teórica na qual foi edificada a teoria documentária enquanto disciplina acadêmica espanhola. A produção espanhola apresentada evidencia, o viés comunicacional da Documentação, como desenvolvimento da orientação otletiana e em função da formação humanística de seus pesquisadores, e talvez, também, por influência francesa dos estudos realizados no âmbito das *Sciences de l'Information et de la Communication*.

Como tratado em Ortega e Lara (2010), nos desenvolvimentos da proposta otletiana da noção de documento realizados por franceses e espanhóis, os traços iniciais se mantiveram, mas avançaram especialmente quanto aos elementos que se relacionam ao signo e à comunicação da informação. Para estes pesquisadores, documento seria objeto simultaneamente de natureza material e conceitual, e potencialmente informativo, por apresentar capacidade de conservação, transporte, reprodução e comunicação do signo. Outro ponto é aquele relativo às tipologias de objetos que caracterizariam os documentos, dado o pensamento atual, já colocado por Otlet, de que não é o tipo de objeto que define o documento, mas o lugar simbólico que lhe é atribuído. As definições iniciais de documento e Documentação já continham, em germe, a noção de informação tal como entendida contemporaneamente.

Em outro estudo contemporâneo, as mesmas autoras (LARA; ORTEGA, 2012) tratam da ideia de que a leitura do objeto que o transforma em documento para o sistema de informação segue uma política que privilegia perspectivas institucionais e comunidades discursivas potenciais. Essa leitura é feita por atividades documentárias que envolvem uma série de escolhas, uma vez que os documentos são organizados em categorias por meio de aspectos que são priorizados frente a outros, implicando uma construção que é permeada de elementos ideológicos. Desse modo, enquanto signo, o documento é uma construção, uma leitura do real sob determinada perspectiva (LARA; ORTEGA, 2012, p. 381-382). Essa perspectiva de leitura é sempre, e necessariamente, de caráter social, político e cultural. A abordagem linguística de que se constitui a Documentação permite a compreensão de que a língua é um elemento da cultura, de tal modo que operar com aquela implica navegar em contextos circunscritos por esta e vice-versa.



Por outro lado, é preciso reconhecer que o pensamento do campo se cristalizou fortemente via procedimentos de base empírico-normativa, portanto, alheios à abordagem comunicacional e ao instrumental metodológico que permite realizá-la. No entanto, o não reconhecimento do caráter intencional da prática documentária não elimina seus aspectos sociais, políticos e culturais, apenas indica a alienação que permeia, muitas vezes, a realização destas práticas e os estudos que as norteiam.

Por sua vez, o documento produzido pela interpretação dos usuários implica nova camada de significação ao objeto. Mas, essa interpretação é, como dissemos, influenciada pelas mensagens propostas por meio de procedimentos documentários sobre objetos – a exemplo de Meyriat quando afirma que a prática documentária em si já resulta em documentos– mas não é determinada por estas.

Após extensa revisão do conceito de documento, Fraysse (2011, p. 68), outro autor contemporâneo, afirma que o documento é portador de uma relação que o define. Ele precisa as questões que apresentamos sobre os textos de Meyriat ao dizer que os profissionais, ao criarem os documentos secundários para indicar os documentos primários, virtualizam estes documentos. Desse modo, podemos dizer que o usuário ‘faz o documento’ (segundo Meyriat) que foi proposto virtualmente pela prática documentária. Fraysse discorre sobre a noção de virtualidade, chamando a atenção para o fato de que ela não está reservada aos documentos eletrônicos, pois o tratamento da informação se constitui como mediação complexa que conduz a documentos, ou mais especificamente, a documentos secundários. Desse modo, podemos dizer que a instância material e a instância simbólica que caracterizam o documento em sua noção clássica fornecem parâmetros para compreendê-lo no contexto atual das tecnologias eletrônicas e dos ambientes virtuais de disponibilização e acesso.

### **3 AS PROPOSTAS DA CHAMADA NEODOCUMENTAÇÃO**

Reconhecendo as visões otlet-brietiana, autores como Day (2001, 2005) e Frohmann (2011) percebem a necessidade de um modo pragmático de elaboração das coisas por meio de suas representações. Em outros termos, a pregnância do simbólico é demarcada na perspectiva do documento enquanto objeto em toda a estrutura espaço-temporal de sua elaboração social. Neste sentido, em grande medida, a noção clássica de documento mostra-se presente na proposta dos autores neodocumentalistas, assim como, evidencia-se sua ampla arena crítica ainda por ser reconsiderada.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Na compreensão do neodocumentalismo, dentre as várias potencialidades interpretativas, duas chamam pontualmente a atenção: de um lado, a refundação de noções centrais para a construção discursiva otlet-brietiana em língua inglesa, partindo da noção de documento e tocando em um conjunto de potencialidades que perpassam a materialidade, a institucionalidade e a política; e, de outro, uma corrente de pensamento, presente no discurso de autores como Buckland e Frohmann, que encontra em um contexto de ampla profusão documental – o contexto otletiano, do final do século XIX e início do XX – ferramentas conceituais preliminares para discutir outro momento de profunda criação e difusão documental sob novas plataformas tecnológicas e modos de comunicação.

Para Buckland (1991, p. 43, 44, 46 e 47), o significado de documento foi tratado por bibliógrafos e documentalistas preocupados com os problemas recentes de armazenamento e recuperação da informação no século XX. O autor apresenta a solução adotada por este movimento com o uso de documento como termo genérico para indicar qualquer recurso informacional físico, em vez de limitá-lo a objetos do tipo texto em meios físicos específicos como papel, papiro, microforma. Buckland pergunta qual seria o termo genérico o suficiente para incluir todas as coisas informativas de que tratamos e sugere ‘discurso’ como um termo melhor para indicar textos no sentido geral ou artefatos com intenção de representar coisas. Apresenta como possibilidade dividir objetos em: artefatos com intenção de constituir discurso (como livros), artefatos que não tinham esta intenção (como barcos), e objetos que não são artefatos (como os antílopes). Do mesmo modo que os franceses e espanhóis citados, Buckland elenca exemplos explicativos das origens dos objetos informacionais e suas funções posteriores, como no caso do livro que pode ser usado como um peso para portas.

Por sua vez, a abordagem de Lund (2010) permite a compreensão de um processo histórico aberto de elaboração da noção de documento, no plano de uma ‘neodocumentação’, que não se interessa por uma reificação do termo (como se deu, em diferentes momentos, com uma chamada ‘filosofia da informação’, principalmente na crítica frohmanniana, apontada a seguir). A percepção de um olhar sobre a centralidade do documento na epistemologia informacional permite, pois, na linha lundiana de argumentação, perceber a correlação com outras conceitualidades tão fundamentais quanto o documento para o campo.

Lund (2010) demonstra, por exemplo, a relevância analógica entre as noções de texto, mídia e documento para a compreensão da última noção. Em termos otletianos

(objetivamente afirmados no trabalho de Lund, Frohmann e Day, por exemplo), trata-se de perceber a extensão do conceito de documento como capaz de reunir as mais diferentes mídias, permitindo, dentro de uma epistemologia (nesse caso, sob a noção de Documentação), escolher o instrumento adequado para tratar deste ou daquele problema de fundo documental.

O exercício argumentativo de Lund (2010) partilha de um percurso que vai do plano conceitual ao plano metaepistemológico, a saber: reconstituindo um olhar crítico e uma amplitude documentalista (de fundo otletiano, uma vez que tais aberturas já estavam dadas no *Traité de Documentation* e foram aprofundadas em Suzanne Briet) do conceito de documento, podemos repensar, para além da epistemologia do próprio campo informacional, a condição de classificação epistemológica das ciências humanas e sociais.

Para esse movimento reflexivo, Lund (2010) recorre aos pressupostos históricos do pensamento e das ações de Paul Otlet: retomando a noção de Bibliografia e reconhecendo tal episteme como uma sociologia dos textos, como o pensamento britânico abordara, o olhar lundiano ‘reencontra’ a querela entre materialidade e significado, centrais para o ‘afastamento’ de percepções, em ciências humanas e sociais, do continente e do conteúdo. Diferentemente da noção de ‘texto’, para Lund (2010), o conceito de documento servirá como a base para o enfrentamento de uma visão ingênua sobre as condições simbólicas dos artefatos (a materialidade) e sua distância das discussões culturais de apropriação (o significado em sua dimensão pragmática, em seu uso).

A noção de documento, em suas raízes históricas (para quem de Otlet) é então colocada em suspeição por Lund (2010): a materialidade em jogo aqui não é mais a frágil significância daquilo que ‘pode ser tocado’. O discurso e o gesto, segundo o olhar histórico-conceitual lundiano, podem ser reconhecidos, na tradição antiga, como documentos. As condições de fixação e de memória é que são distintas. Não é apenas a fundamentação da antiga ‘tradição de prova’ que estabelece, pois, uma epistemologia histórica para o documento. Outras condições fundam tal noção em sua pragmática, ou seja, em seu uso no espaço-tempo a partir da forma *doceo*, como: contar, informar (a uma pessoa sobre um fato, por exemplo); instruir (no sentido jurídico); demonstrar, mostrar (através de argumentos e outros significados); ensinar (no sentido propriamente dito da ação educacional); produzir um jogo (discursivo).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

No enalço desse retorno à Antiguidade, nota-se que o movimento de apropriação do conceito de documento em Lund (2010) é, claramente, mesmo sem a assertiva do autor, um encontro com a Retórica Antiga e as possibilidades de fundamentação do discurso, junto de seus meios de fixação e de reprodução (seu diálogo com Roland Barthes demarca pontualmente essa influência sob condições indiretas de apropriação). A crítica a um conceito estreito de documento leva o autor a postular sua ampla significação:

Based on the conceptual history of the word document as well on its etymological roots, I will define **a document** in the following way: **any results of human efforts to tell, instruct, demonstrate, teach or produce a play, in short to document, by using some means in some ways.** In this way, the concept becomes extremely broad. Almost anything can be a document. At the same time, it can be every specific. All together, the concept of document may be a qualified alternative to the broad concept of text avoiding the confusion about text as a distinctive concept for verbal expressions as well as a broad concept covering all kinds of expressions. (LUND, 2010, p. 743, grifo nosso)

A procura, em Lund (2010), está, pois, em unificar todas as ações do informar e do comunicar pela percepção da potência presente no conceito de documento. Tal conceito é capaz, na argumentação lundiana, de entrecruzar as mais diferentes ciências humanas e sociais, o que faz da Documentação uma espécie de campo transdisciplinar sócio-humano, permitindo, com isso, pensar permanentemente a dinâmica de reclassificação das próprias ciências do homem. Essa pujança potencial do documento parece ser a mesma presente na percepção de Ronald Day.

A argumentação em Day (2001) busca, em sua via, uma teoria crítica para a informação (presente objetivamente também em Bernd Frohmann), e encontra nas bases documentalistas do projeto de Paul Otlet sua estrutura epistemológico-histórica. Uma crítica materialista à informação enquanto unidade epistêmica se depara, pois, com a materialidade do documento como fundamento para uma construção do modelo crítico de análise do campo informacional. Uma historiografia informacional necessita, pois, em Day (2001) de um processo de co-constituição com a história cultural e uma abordagem ética (como, outra vez, será verificado em Frohmann), capaz de estabelecer o ponto de inflexão e as lacunas políticas do processo de reificação da informação (ou, ainda, de uma metafísica informacional fundada no fetiche do termo e suas operações técnicas a partir de meados do século XX).

A crítica a um conceito vago de informação, fundado na metafísica clássica (DAY, 2005), leva o pesquisador a se aproximar, no plano epistemológico-cultural, do pensamento

otletiano. Mais uma vez estamos diante do conceito de documento: a noção de fragmento, por exemplo, encontrada na elaboração conceitual em Paul Otlet, conduz ao um processo de teorização sobre os documentos que re(abre) o plano crítico de compreensão do significado. O documento, complexo de camadas fragmentárias de fundo material e simbólico, constitui-se, assim, na reflexão dayana, como central para uma reconstituição da historicidade dos estudos informacionais (como pode ser visto em sua análise crítica de uma ‘moderna invenção da informação’ em 2001), bem como para uma reflexão (pós)estruturalista do próprio documento estrutural (de fundo otletiano).

As leituras pós-estruturalistas da abordagem otletiana em Day (2005) conduzem a visão do teórico estadunidense a pensar, à moda derridiana, a informação, abordada a partir da noção ampliada de documento, com um papel similar à ideia de *écriture générale*. A ideia remete, centralmente, à condicionante contingencial, à pragmática do documento: a escritura geral é sempre fruto das formas sociais, materiais e tecnológicas historicamente estabelecidas. Para além de Derrida, os diálogos de uma outra compreensão sobre o documento em Day (2005) aproximam-se objetivamente de Foucault e Wittgenstein, sujeitos teóricos por sua vez igualmente influentes na argumentação neodocumental de Bernd Frohmann.

Frohmann (2004, p. 405-406) ressalta que as reflexões contemporâneas devem muito ao movimento documentalista do final do século XIX e início do século XX, salientando a importância de repensar essas práticas documentárias iniciais. O teórico entende que a documentação cobre um terreno maior que o dos estudos de informação (*information studies*) e que, portanto, a filosofia da informação é subordinada à filosofia da documentação. Desse modo, o autor ressalta o papel da materialidade para se pensar a informação, e exemplifica tratando dos estudos sociais da ciência que mostram que a informação científica, para sua emergência, depende de práticas documentárias culturalmente específicas, historicamente determinadas e institucionalmente disciplinadas.

Assim, Frohmann questiona autores como Luciano Floridi, Rafael Capurro e Michael Eldred por entenderem que uma filosofia da informação seria especialmente urgente para a era digital. Para ele, a forma digital dos documentos contemporâneos não cria nenhum imperativo filosófico especial, uma vez que o conceito de práticas documentárias já estava

presente. Em texto posterior, Frohmann reforça que o reconhecimento da materialidade dos documentos permite uma compreensão de seu papel social na atualidade.

Apoiando-se em Foucault, o autor (FROHMANN, 2006) afirma que a documentação tem um papel mais significativo que o da comunicação da informação, em função do que aquele chama de ‘escrita disciplinar’, a qual envolve indivíduos e circuitos específicos institucionais. Assim, a documentação seria o modo de relacionar a análise do discurso ou enunciações de Foucault e os estudos da materialidade da informação. Segundo Frohmann, as práticas documentárias institucionais funcionam por meio da materialização da informação, cujo peso, massa, inércia e estabilidade configuram profundamente a vida social.

A prevalência da noção de documento sobre uma possível filosofia da informação permite Frohmann (2000) observar um plano político, epistemológico e ético avançado a partir de tal elaboração conceitual. A informação como polo crítico para a elaboração da visão frohmanniana é tomada, em oposição ao documento, como um tipo de substância mental, oriunda epistemologicamente da tradição cartesiana. Tomando as abordagens foucaultianas e wittgensteinianas que relacionam, respectivamente, linguagem e poder, e linguagem e ação, Frohmann (2000) percebe o documento como fruto de uma prática social. O documento aqui engloba todos os tipos de mídia e suas dinâmicas socioculturais, de tal modo que, outra vez, encontramos no trato ‘neodocumental’ da noção de documento a significação de ‘ampliação’ conceitual.

As práticas sociais de fundo documentário, segundo terminologia adotada por Frohmann que comentamos à frente, são, estruturalmente, ações materiais, que envolvem as lutas por hegemonia e as disputas por espaço-tempo. Em consequência, a noção de documento é central para uma condição ética nos estudos informacionais: a filosofia do documento postula a necessidade de uma filosofia materialista da informação, que estabeleça as relações entre as tantas materialidades que as práticas sobre documentos engendram, incluindo o próprio corpo humano, não existente sem sua condição política (vide a influência foucaultiana de Frohmann) e material.

Logo, ‘documento’, em uma linha de reflexão ‘neodocumental’, de fundo frohmanniano, repercute condicionantes políticas plurais e em luta social constante. Trata-se de postular que, por trás do conceito, situa-se, desde Otlet, um fundamento geopolítico de extrema relevância para as conformações sociais. O documento relaciona, estabelece e

produz poder. Por sua vez, é força de combate e de contraposição aos discursos hegemônicos, atuando como potencial energia crítica à substancialização do mundo informacional-digital em suas aparências virtuais, ou seja, em sua pretensa onipresença imparcial. O documento é, pois, no plano social, um conceito central para a construção de um debate ético na contemporaneidade, posição frohmanniana essa diretamente dialogada com as visões pós-estruturalistas de Ronald Day e, em grande parte, de Niels Lund.

#### **4 A CONTINUIDADE DA NOÇÃO CLÁSSICA DE DOCUMENTO E A FRENTE NEODOCUMENTALISTA**

Diferentemente de Buckland, no entanto, Frohmann refere-se à terminologia documentária em uma concepção mais ampla dos estudos de informação que aquela das práticas documentárias estritas que constituem sistemas e serviços. Para Lara (2014), a proposta de Frohmann é relevante por colocar em destaque frentes de pesquisa que observam o documento em sua materialidade, simultaneamente a sua potencialidade informativa, além de avaliar criticamente a faceta profissional, uma vez ser ainda predominante seu tradicional descolamento dos problemas contemporâneos. No entanto, Lara entende que essa faceta deve ser revisitada, considerando a inserção contextual dos documentos como meio de concretizar o papel social da Documentação. Segundo ela, diminuir a importância da faceta profissional da Documentação contribui para não colocar em debate o problema. Assim, quanto à terminologia usada pelo autor, Lara discute sua interpretação no âmbito da prática documentária, em especial, aquelas relativas ao tratamento da informação. Da análise realizada por Lara, podemos afirmar que há deslocamento conceitual sobre os termos documentação e prática documentária no texto de Frohmann de 2004, se considerados no âmbito originário da Documentação.

Anteriormente, Ortega e Lara (2010) já haviam observado que a abrangência atribuída por Frohmann às práticas documentárias não contempla especificamente o fenômeno da institucionalização da informação que circunscreve o trato da massa documental como requisito para a comunicação documentária, indicando antes aspectos da produção e uso dos documentos disciplinados institucionalmente que as operações realizadas sobre o documento com fins de uso qualificado da informação que caracterizam o campo. No entanto, é mister reconhecer, ainda que de modo indireto, que a reflexão crítica sobre os modos de regulação institucionais via documentos é essencial para uma compreensão contextual da prática efetivamente documentária. Já para a operacionalização destas práticas, os parâmetros

contextuais, ou seja, pragmáticos, devem estar diretamente relacionados aos objetos, processos e objetivos em questão.

Os pesquisadores hoje reconhecidos como neodocumentalistas, Boyd Rayward, Niels Lund, Michael Buckland, Bernd Frohmann, Ronald Day, entre outros, possuem o mérito da divulgação da produção europeia sobre Documentação do início do século XX para os leitores de língua inglesa. No entanto, estes autores – a exceção de Lund em artigo de revisão (LUND, 2009) – retomaram as ideias dos documentalistas Paul Otlet e Suzanne Briet, mas não as de seus continuadores indiretos como Jean Meyriat e muitos outros. Uma vez que, revisitar os conceitos de um campo é movimento inerente à prática científica, importa observar os termos neodocumentalista e neodocumentação quanto aos autores citados e os pontos de referência desenvolvidos por eles, a despeito das diferenças culturais. Sob o ponto de vista da orientação anglo-americana, fortemente presente entre espanhóis e brasileiros, os estudos sobre as ideias e propostas da Documentação – por constituírem pensamento próprio, típico de qualquer disciplina ou vertente –, soam hoje como descoberta e parecem bem colocados sob o rótulo de novos estudos. Por sua vez, franceses, espanhóis e brasileiros, entre outros, continuaram os estudos iniciados pela Documentação, ainda que com lacunas temporais, atrasos bastante alargados e esquecimentos recentes.

Esta é uma questão central para pensar o papel de uma ‘neodocumentação’ e as possibilidades de avaliação crítica de sua condição epistêmica: em que medida não estamos adentrando apenas um território discursivo pontual de reconhecimento tardio de Otlet, o que implica também o não enfrentamento de uma parcela do campo desenvolvida desde então sob o pensamento otletiano; ou, por outra linha de interpretação, estamos diante de um novo uso da noção de documento, com influências remotas de Otlet? Parece-nos que a noção de documento tem um espectro distinto em cada uma das correntes teóricas e as margens de mapeamento e discussão sobre a dispersão semântica são hoje um desafio para o decurso epistemológico do campo.

Desse modo, ao saltar o diálogo com a tradição de reflexão documentalista francófona e espanhola, por exemplo, a corrente neodocumentalista termina por abrigar um duplo problema epistemológico: de um lado, uma fratura histórica que responde pela ausência, não só do presente, mas também do passado: Otlet aparece como fundamental para a reflexão, mas seus conceitos servem aqui apenas para uma nova expressão de construção crítica, ou seja, não há um debate historiográfico que procura uma crítica teórica do passado, mas uma



tentativa de resolver as noções do presente sob alguns aportes remotos (como a querela documento *versus* informação); por outro lado, a neodocumentação deixa como margem problemática a dificuldade de diálogo entre diferentes tradições contemporâneas de pensamento: a possibilidade de uma reflexão comparada permitiria apontar os possíveis diálogos agora silenciosos, mas a ausência de trocas objetivas parece sugerir uma noção de documento completamente distinta no sentido anglófono daquela historicamente desenvolvida sob uma francofonia.

De qualquer modo, a neodocumentação é, para além de um discurso histórico tardio de transposição da francofonia documentalista para a anglofonia informacional, uma reflexão epistemológica sobre a relevância da noção de documento para a fundamentação da informação na contemporaneidade. Os jogos de poder sob a pele da linguagem e as estruturas e superestruturas que condicionam, tanto a vivência do documento como sua invenção enquanto tal, são fundamentos de uma noção de documento contemporânea que está atravessada pelas redes digitais.

Cumpre-nos observar criticamente que o pensamento de Otlet e o conceito de documento presente, principalmente após suas conferências e trabalhos da primeira, da segunda e da terceira décadas do século XX até a consolidação no *Traité*, demonstram ainda uma potencialidade interpretativa gigantesca, dada a margem de interpretações possíveis. Em diferentes momentos, ao longo de sua principal obra, Otlet oferece esboços nocionais que permitem localizar um pós-estruturalismo futuro, o simbolismo do objeto e de suas representações, e as multiplicidades de suportes e de redes de comunicação entre eles e o sujeito conhecedor no escopo da experiência histórica da mediação. Mais que isso, faz-se necessário investigar mais profundamente, não apenas a produção otletiana, mas também aquela que lhe foi decorrente até a contemporaneidade, no que tange aos aspectos nocionais, simbólicos e tecnológicos citados, no contexto da mediação documentária que se faz no percurso de transformação do objeto em documento.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A construção histórica da noção de documento aponta que ele é produto de ações de mediação, as quais se realizam por atividades como seleção, descrição, indexação, ordenação, exposições a partir de quaisquer objetos. Sistemas e serviços e demais atividades constituem os dispositivos documentários, que funcionam como proposta de percurso dos sujeitos no

mundo da informação. Deste modo, a noção clássica de documento e suas derivações fundamentam a operacionalização, na contemporaneidade, das atividades citadas. Sob outro ponto de vista, a abordagem dos neodocumentalistas privilegia o documento quanto às relações de poder que o envolvem enquanto objeto produzido pelo homem, portanto, relações localizadas histórica, social e politicamente. Como estes estudos são realizados no mesmo campo, faz-se necessário questionar se eles são realizados tendo em vista a busca por interlocução, intrínseca à prática científica, ou trata-se de movimentos concorrentes de construção de espaços cognitivos e sociais. Afinal, assim como a rápida presença da Documentação na primeira parte do século XX nos Estados Unidos, antes que fosse proposta a *Information Science*, a neodocumentação pode estar evidenciando a necessidade de estudos mais abrangentes, no que tange a autores e ao significado de suas ideias.

Deste modo, antes de estabelecer a necessidade de demarcação de um novo conceito de documento, percebemos que os estudos neodocumentalistas propõem visões distintas, buscando um diálogo com os preceitos do foco documentalista (principalmente a partir revisão de Lund de 2009), em contínuo discurso de ampliação da noção de documento, mas sob configurações ainda carentes de recuo histórico crítico e de uma interpretação contemporânea abrangente. Ali e aqui, em Otlet e Buckland, a materialidade continua sendo uma discussão central para se reconhecer algo de uma filosofia do documento, a documentalidade, expressa na vida do homem. Mas, afinal, o que significa tal materialidade em espaço-tempos tão distintos, e sob influências teóricas aparentemente tão distantes? A noção de documento continua, pois, representando um dos mais profícuos e potenciais elementos epistemológicos do campo.

## **REFERÊNCIAS**

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que ladocumentation?** Paris: Édit – Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. 48 p. Disponível em:

<<http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017. Tradução para a língua portuguesa publicada em versão eletrônica em 2017 pela Editora Briquet de Lemos.

BUCKLAND, Michael. **Information and information systems**. New York: Praeger, 1991. 225 p.

DAY, Ronald. Post structuralism and information studies. **Annual Review of Information Science Social and Technology (ARIST)**, v. 39, p. 575-609, 2005.

DAY, Ronald. **The modern invention of information: discourse, history and power**. Illinois: Southern Illinois University Press, 2001.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

DESANTES GUANTER, José María. Prólogo. In: LÓPEZ YEPES, José. **Teoría de la Documentación**. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 1978. 337 p. p. XVII-XXV.

FRAYSSE, Patrick. Document. In: GARDIÈS, Céciles (Dir.). **Approche de l'information-documentation: concepts fondateurs**. Toulouse: Cépaduès, 2011. p. 36-73.

FROHMANN, Bernd. Cyber ethics: bodies or bytes? **International Information & Library Review**, v. 32, p. 423-435, 2000.

FROHMANN, Bernd. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 387-407, 2004.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação na contemporaneidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 19 a 22 nov. 2006, Marília. **Anais...** Marília: ANCIB ; UNESP, 2006.

FROHMANN, Bernd. Reference, representation, and the materiality of documents. In: COLÓQUIO CIENTÍFICO INTERNACIONAL DA REDE MUSSI. 2011. **Anais...** Toulouse: Université de Toulouse 3, 2011.

IZQUIERDO ARROYO, José María. **La organización documental del conocimiento**. Madrid: Tecnidoc, 1995. Tomo 1: El marco documental, XII + 502 p. Tomo 2: El marco documental (Corpus otletiano), VI + 188 p.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documentação, materialidade e práticas documentárias. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DA REDE FRANCO-BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM MEDIAÇÕES E USOS SOCIAIS DE SABERES E INFORMAÇÃO - REDE MUSSI, 3., 2014, Salvador. As transformações do documento no espaço-tempo do conhecimento. **Anais...** Salvador, Bahia: UFBA, Instituto de Ciência da Informação, 2014. v. 1. Disponível em: <<http://www.coloquiomussi.ici.ufba.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; ORTEGA, Cristina Dotta. Para uma abordagem contemporânea do documento na Ciência da Informação. In: CONGRESO ISKO, 2011, Ferrol. **[Anais]**. A Coruña: Universidade da Coruña, 2012. p. 371-387. Disponível em: <[http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/11621/1/CC\\_132\\_art\\_23.pdf](http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/11621/1/CC_132_art_23.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2017.

LASSO DE LA VEGA, Javier. **Cómo se hace una tesis doctoral o Manual de técnica de la documentación científica y bibliográfica**. San Sebastián: Internacional, 1947.

LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de documentación: las técnicas para la investigación y redacción de los trabajos científicos y de ingeniería**. Barcelona: Labor, 1969.

LÓPEZ YEPES, José. Investigación científica. Ciencia de la Documentación y Análisis Documental. **Arbor**, tomo XCVIII, n. 381-382, p. 89-98, 1977.

LÓPEZ YEPES, José. **Teoría de la Documentación**. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 1978. 337 p.

LUND, Niels Winfeld. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology** (ARIST), Medford, v. 43, p. 399-432, 2009.

LUND, Niels Winfeld. Document, text and medium: concepts, theories and disciplines. **Journal of Documentation**, v. 66, n. 5, p. 734-749, 2010.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**  
**23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

MEYRIAT, Jean. Document, documentation, documentologie. **Schéma et Schématisation**, Paris, 2<sup>o</sup> trimestre, n. 14, p. 51-63, 1981. Tradução para a língua portuguesa publicada na revista *Perspectivas em Ciência da Informação* em 2016.

MEYRIAT, Jean. Pour une compréhension plurisystémique du document (par intention). **Sciences de la Société**, Toulouse, n. 68, p. 11-28, 2006. (Dossiê “Dimensions sociales du document”, coord. por Caroline Courbières e Gérard Régimbeau).

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2010. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/12626>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

OTLET, Paul. **Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelles: Mundaneum, 1934. Disponível em:

<[http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite\\_de\\_documentation\\_ocr.pdf](http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2017.

OTLET, Paul; WOUTERS, Léon. Manuel de la bibliothèque publique. 3. ed. Bruxelles: Institut International de Bibliographie, 1930. 171 p. Disponível em:

<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k931113m/f3.image>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

OTLET, Paul; WOUTERS, Léon. **Résumé du cours préparatoire aux examens du bibliothécaire. Syllabus du cours de l'Ecole Centrale de Service Social**. Bruxelles: IIB ; Union de Villes et Comunes Belges, 1922

SAGREDO FERNÁNDEZ, Félix; IZQUIERDO ARROYO, José María. **Concepción lógico-lingüística de la documentación**. Madrid: IBERCOM, 1983. 440 p.

SAGREDO FERNÁNDEZ, Félix; IZQUIERDO ARROYO, José María. Reflexiones sobre “documento”: palabra / objeto (I). **Boletín Millares Carlo**, v. 3, n. 5, p. 161-197, 1982.

Disponível em: <<http://mdc.ulpgc.es/cdm/ref/collection/bolmc/id/97>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SALDANHA, Gustavo Silva. O documento e a 'via simbólica': sob a tensão da 'neodocumentação'. **Informação Arquivística**, v. 2, p. 65-88, 2013.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Uma filosofia da Ciência da Informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas**. Tese de Doutorado - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação. Rio de Janeiro, 2012.

SALVADOR BRUNA, Javier. Recepción de la obra otletiana em España a través del análisis cualitativo de citas. **Documentación de las Ciencias de la Información**, v. 29, p. 25-69, 2006. Disponível em:

<<https://revistas.ucm.es/index.php/DCIN/article/view/DCIN0606110025A/0>>. Acesso em: 20 jul. 2017.